

## PAÍS ESTÁ PRONTO PARA UMA SOCIEDADE DE IDOSOS ?

Maria Liz Cunha de Oliveira



Dois séculos atrás, passar dos 40 anos era algo incomum. Os que conseguiam eram considerados quase seres abençoados pelos deuses. Graças aos avanços médicos e sociais, a esperança de vida começou a aumentar num ritmo considerável no final do século XIX. Hoje, viver até 80 anos é habitual. E tudo indica que, dentro de pouco tempo, chegar aos 100 será bastante normal.

Segundo o IBGE no ano de 2060, em todo o país terá dois idosos para cada jovem dependendo do estado, com rapidez maior ou menor. Com o aumento populacional, é esperado uma mudança no perfil do idoso nas próximas décadas. Já existem esforços para desmistificar essa imagem do senhorzinho encurvado, de bengala, da vovó fazendo crochê... Seremos idosos mais "jovens". A mudança da identificação nas placas de idoso já aprovada em nosso país, é legítima uma vez que a imagem da pessoa com bengala não representa mais as pessoas com idade superior a 60 anos. Atualmente uma pessoa de 60 anos têm condições físicas e mentais superiores à população idosa dos anos 90, quando a identificação antiga foi adotada, hoje estamos falando de um idoso ativo, favorecido pela tecnologia médica do último século – vacinas, exames, medicamentos –, mais lúcido, mais protagonista<sup>(1)</sup>.

No entanto, como viver esses novos anos? Podemos nos permitir o luxo de ser mais longevos? Como disse a escritora e Nobel de Literatura Svetlana Alexievich: "Faltam ideias para este novo período". Não há um manual de instruções, nem uma filosofia consolidada a respeito.

Além do tema laboral, a longevidade pode trazer outras mudanças sociais. Por exemplo, a ideia de ter várias vidas matrimoniais (na Espanha, os casamentos entre maiores de 60 anos se multiplicaram por cinco em quatro décadas, segundo o Instituto Nacional de Estatística). Também poderia ser ampliada a idade máxima para financiar uma moradia, para 85 anos por exemplo. A questão é o que fazer com esses 20 ou 30 anos de vida estendidos com frequência após a aposentadoria. Não há um manual de instruções a respeito.

Dispor de mais tempo livre para fazer tudo o que o trabalho não permitiu fazer é uma das coisas positivas vindas à mente. Viajar, ler, cuidar dos netos, se organizar para pedir melhoras políticas para a nova condição de vida...

As gerações que estão agora entrando nos 60 anos são muito diferentes. Viveram o maior salto e progresso econômico da história do nosso país iniciado com o presidente Juscelino Kubitschek. Em sua juventude, alguns foram a shows de Luiz Gonzaga, Ney Mato

Grosso, Chico Buarque, Maria Betânia (muitos ainda vão) escutavam The Beatles, ABA e protagonizaram a transição para a democracia.

Notadamente o tempo de duração de uma vida atualmente se redistribuiu:

somos mais tempo jovens, mais tempo adultos e, da mesma forma, velhos durante mais tempo.

Talvez, continuar trabalhando, mas em outro ritmo ou com outra atividade, seria uma opção. Por duas razões: manter o cérebro em forma, garantir renda ou simplesmente porque gostam do que fazem.

Mas do ponto de vista cognitivo, nem todo mundo chega do mesmo jeito aos 80 na mesma idade os idosos são menos semelhantes entre si que os jovens. Portanto, sempre que possível, as aposentadorias não deveriam ser julgadas. A realidade é: um bom envelhecimento depende da possibilidade das pessoas terem aposentadorias adequadas.

O Relatório Mundial sobre Proteção Social 2017-2019<sup>(2)</sup>, a OIT chama atenção para a pobreza na terceira idade está crescendo na Europa. E adverte: as aposentadorias recentes devem ser corrigidas se isto não ocorrer, 19 países europeus verão suas aposentadorias caírem nas próximas décadas, sobretudo na Espanha, Portugal e Polônia. Como será isto no Brasil?

Pode ser que os cidadãos nascidos neste momento vejam com total naturalidade – por decisão própria ou porque não terão outro remédio – o fato de trabalhar até os 75 anos e viver até os 100.

No entanto, como o sistema público conseguirá absorver essa mudança? Nos anos oitenta do século XX, quando foi desenhada o sistema previdenciário brasileiro de seguridade social, considerado progressista comparado aos de outros países nesse período. Em 1970, a população idosa do Brasil era de 4,5 milhões, representando 5% da população, em 2017 os maiores de 60 representavam é de 30,2 milhões<sup>(3)</sup>. Tais números revelam a importância cada vez maior das políticas públicas relativas à previdência, frente ao crescente número de indivíduos aposentados, em relação àqueles em atividade. Diante destes dados volto a reflexão para quem está lendo este editorial e pergunto: como você se programou para viver a sua velhice?

### REFERÊNCIAS

- 1 - Rodrigues M. País não está pronto para uma 'sociedade de idosos'. G1 Globo.com. 2018 agos [ acesso em 27 ago 2018]. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/05/pais-nao-esta-pronto-para-uma-sociedade-de-idosos-diz-especialista-leia-entrevista.ghtml>
- 2 - World Social Protection Report 2017-19: Universal social protection to achieve the Sustainable Development Goals International Labour Office – Geneva: ILO; 2017
- 3 - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Agencia IBGE notícias 2018 ago [acesso em 27 ago 2018]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>

\* Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde – FEPECS, Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem e Universidade Católica de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Distrito Federal, Brasil.